

50 TONS DE CINZA E RELACIONAMENTO ABUSIVO: um olhar do cárcere

*Raquel Gonçalves da Silva de
Araújo Fernandes*

Mestre em Ciência da Informação pela
Universidade Federal de Sergipe
(UFS).

E-mail: raquelaracaju@gmail.com

*Camila Conceição Barreto
Vieira*

Graduada em Biblioteconomia pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS).

E-mail:

camila.barretovieira@gmail.com

*Paulo Roberto Fernandes
Junior*

Graduada em História pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS).

E-mail: paulo.r.junior@hotmail.com

Germana Gonçalves de Araujo

Docente do Departamento de Artes
Visuais e Design da Universidade
Federal de Sergipe (UFS).

E-mail:

germana_araujo@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo apresenta mediações realizadas por profissionais da biblioteconomia com foco no desenvolvimento da leitura crítica junto a mulheres em situação de cárcere. Em pesquisa de natureza imersiva, foi possível desenvolver ações socioculturais, utilizando bens letrados de informação com as internas do PREFEM/SE dentro da biblioteca dessa unidade prisional. Surge, então, o Clube do Livro, projeto realizado concomitantemente ao processo de organização do acervo da biblioteca desse presídio feminino. Nesse processo e em uma abordagem metodológica descritiva adquiriu-se a prática de diálogo com as internas, sendo possível compreender acontecimentos da vida real que elas aproximavam das histórias encontradas em livros. Dessa forma, por meio da relação entre a fantasia e a realidade, identificou-se o *bestseller* “50 tons de cinza”, da autora E. L. James, como um dos títulos mais consumidos pelas presidiárias. Essa obra, julgada pelas internas como um romance com traços de erotismo, foi peça fundamental para se tratar de temas recorrentes na vida daquelas mulheres, tais como: a violência doméstica e o relacionamento abusivo. Em um dos encontros do Clube do Livro, esse *bestseller* foi reinterpretado e situações anteriormente naturalizadas por elas, como ciúme excessivo, foram diferentemente qualificadas, a partir da leitura crítica, como sendo atitudes tóxicas.

Palavras-chaves: Biblioteca prisional. Mediação Cultural.
Empoderamento feminino.

50 SHADES OF GRAY AND ABUSIVE RELATIONSHIP: an approach to jail

ABSTRACT

This article refers to the work of library professionals focusing on the development of critical reading with women in prison. In research of immersive nature, it was possible to develop sociocultural mediations, using literate objects of information, with the internal ones of PREFEM/SE, inside the library of this prison unit. Then comes the Book Club action, carried out concurrently with the process of organizing the library collection of this female prison. In this process, and in a descriptive methodological approach, the practice of

dialogue with the prisoners was acquired, thus being possible to understand aspects of real life that they approached the stories found in books. Thus, from the relationship between fantasy and reality, we identified the bestseller “50 shades of gray”, by author E. L. James, as one of the titles most consumed by them. This work, judged by the prisoners to be a novel with traces of eroticism, was the necessary hook to address recurring themes in the lives of these women, such as: domestic violence and abusive relationship. In a Book Club, this bestseller was reinterpreted, and situations previously naturalized by them, such as excessive jealousy, were differently qualified from critical reading as toxic attitudes.

Keywords: Prison library. Cultural mediation. Female empowerment.

1 INTRODUÇÃO

O tema acerca da biblioteca prisional, nos últimos anos, tem ganhado força e espaço no que se refere aos assuntos em biblioteconomia. Isso, porque a criação de uma Comissão Brasileira em Bibliotecas Prisionais (CBBP), pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), impulsionou comunidades de profissionais e alunos dessa área a produzirem mais estudos e ações voltadas à leitura no cenário do cárcere.

Mesmo que o tema já tenha sido abordado de modo ínfimo anteriormente, no Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), em 1967¹, por exemplo, já havia sido publicado um trabalho sobre a temática, mas só agora assistimos ao progresso e interesse mais profundo nesse campo de pesquisa. Parte dessa divulgação e atenção ganhou visibilidade por causa do trabalho desenvolvido pela bibliotecária e presidente da CBBP Cátia Lindemann, que coloca o livro e a leitura em foco no ambiente da biblioteca prisional brasileira, além de ela ser responsável pela promoção de várias ações em bibliotecas comunitárias e volantes. Sendo assim, releva-se que o trabalho dessa profissional tem trazido

1 CARVALHO, Carmem Pinheiro de. Bibliotecas em prisões. In: **V Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo: Federação Brasileira Associações Bibliotecários, 1967.

à tona a atuação no âmbito social de um bibliotecário, abrindo horizontes acerca da mediação cultural como ponto de partida para o incentivo à leitura.

A partir desse modo humanista de se pensar a biblioteconomia, surge o projeto dentro do Presídio Feminino de Sergipe (PREFEM-SE), realizado no período de 2017 a 2019, composto por ações de leitura e revitalização da biblioteca, imbricados com a pesquisa de mestrado em bibliotecas em presídios de uma das autoras deste artigo (FERNANDES, 2019). Durante esse período, houve uma densa discussão e busca de entendimento sobre os processos prisionais, as causas comuns do encarceramento feminino, bem como uma análise do perfil da mulher presa. Esses dados ajudaram-nos a compor uma premissa sobre o tema, bem como desenvolver uma melhor metodologia de trabalho com essas internas.

2 A BIBLIOTECA PRISIONAL COMO COMO AMBIENTE DE CONSTRUÇÃO DA LIBERDADE

Na presente pesquisa, está descrito, em modo de relato, uma das ações desenvolvidas no PREFEM, as quais, durante um ano e meio de imersão dos autores, propiciou uma mudança de perspectiva cotidiana para a figura feminina em situação de cárcere, não somente por inseri-las em uma biblioteca, mas também por estimular a leitura crítica com o propósito de auxiliá-las na aprendizagem e mobilização do pensar sobre si com o objetivo de possibilitar um amanhã profícuo.

Trataremos neste artigo sobre a ação chamada de Clube do Livro, especificamente no que tange a discussão sobre o livro “50 tons de cinza”, da autora E. L. James², o qual satisfazia a maioria das leitoras internas do PREFEM-SE, dado este baseado nos livros de empréstimos da biblioteca do presídio. Utilizou-se a obra como referência para abordar o assunto sobre relacionamento abusivo, realizando um contraste com a noção positiva apresentada pelas internas em relação a essa temática presente nessa obra.

É importante mencionar que há um número significativo de mulheres que fantasiam o exemplar “50 tons de cinza”, o qual aborda uma relação erotizada entre um homem rico e refinado e uma jovem mulher simples oriunda de uma camada social inferior a dele e, não

2 JAMES, J. L. **50 tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

sendo diferente para as internas do PREFEM, o romance, repleto de estereótipos explicitados, representa, sobretudo, a almejada forma de amor presente em uma pseudo noção de liberdade. Corroborando a opinião das presidiárias em relação ao livro, tem-se a carência que elas sentem, uma vez que boa parte da população carcerária feminina perde o contato com amigos e familiares durante o cumprimento da pena. Por fim, o desdobramento obtido a partir da crítica acerca do relacionamento amoroso explicitado na obra, construído juntamente com um grupo de internas, justifica a ação que será descrita neste artigo.

Em conversas realizadas anteriormente ao clube do livro, percebeu-se que a maior parte das internas sofreu agressões, abusos físicos e psicológicos. A partir dessas informações, houve a necessidade de trabalhar com ações voltadas à conscientização e debate sobre diversos temas, incluindo o relacionamento abusivo. A urgência de falarmos sobre essa temática recai ainda quando analisamos os números sobre o feminicídio no Brasil, pois, só no ano de 2018, o número de mulheres mortas foi de 1173, contra 1047 no ano de 2017 (G1, 2019). Esse aumento significativo evoca-nos a realizar um trabalho de base de empoderamento de mulheres, fornecendo informações e instrumentos de auxílio, os quais elas poderão se respaldar. Para um ambiente prisional, principalmente no âmbito do entendimento e interpretação de obras com simbologias, muita das vezes, romantizadas por alguns autores, como é o caso da leitura em questão, é relevante tratar de uma temática que possa trazer uma discussão proffica sobre o assunto.

O relacionamento abusivo é demonstrado na obra em nuances quase que imperceptíveis pelas internas, pois é equiparado a vários níveis de violência silenciosa, normalmente, manifestada em atitudes de ciúmes excessivo, vigilância e insegurança sobre a mulher. Marques (2018), escritora no campo da Psicologia, comenta que existem quatro tipos distintos de abuso, são eles o emocional, físico, sexual e econômico. A autora explica como esses abusos podem coexistir ou atuarem de modo individual sobre a vítima, a depender do perfil do abusador, fazendo-a duvidar de sua capacidade, tendo queda de autoestima e revertendo sua dependência de sobrevivência sobre este indivíduo. Em todas essas esferas apresentadas, a vítima incide sobre si a culpa da agressão, acarretando danos psicológicos, físicos e morais de uma dor causada pelo próprio abusador. Em um ambiente prisional, as ideias romantizadas em relação aos abusos presentes no livro, podem ser

equiparadas às vivenciadas pelas internas, por isso, mencionamos a importância do uso dessa obra para aludir ao relacionamento abusivo.

É sabido, por intermédio dos dados apresentados pela ferramenta de pesquisa Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), que a população carcerária feminina tem tido um aumento significativo nos últimos anos; o censo de 2016 apontava que 42.355 mulheres estavam privadas de liberdade (INFOPEN, 2018). Segundo Carvalho e Carvalho (2017), o perfil das mulheres presas no Brasil é composto, em grande parte, por negras e pardas, majoritariamente jovens, com idade entre 18 e 30 anos, baixa renda, baixo nível de escolaridade e histórico familiar marcado pela vulnerabilidade social. O aumento do número de mulheres encarceradas no Brasil está relacionado ao crime cometido e, como observado nos dados da pesquisa, o tráfico de drogas é responsável por 62% dessas prisões. Dessa maneira, releva-se que, mesmo hoje existindo casos os quais a mulher é protagonista no tráfico de drogas –ela é uma chefe que comanda o tráfico em um determinado território, uma quantidade significativa da causa da prisão dessas mulheres é a relação abusiva com homens envolvidos no tráfico de drogas³.

Nesse sentido, a mulher opera como uma cobaia em emboscadas, já que o olhar pode estar direcionado para si nas operações policiais, desnorteando os homens à frente do tráfico. Em conformidade, a feminista e estudiosa do encarceramento negro, Borges (2018), afirma

Se pensarmos o tráfico como uma indústria, a estrutura espelha a do mercado formal de trabalho. Ou seja, cabe às mulheres posições mais vulneráveis e precarizadas e com diferenças, também, se adicionarmos o quesito cor. Além disso, diversos são os estudos que demonstram que várias prisões de mulheres são realizadas em operações nas quais o foco eram os parceiros ou familiares destas mulheres, que acabam sendo detidas por associação ao tráfico. (BORGES, 2018, p. 59).

³ Em estudo sobre “Mulheres no tráfico de drogas”, as pesquisadoras Mariana Barcinski e Sabrina Daiana Cúnico explicitam que “[...] ao se ocuparem do envolvimento de mulheres em atividades criminosas há participação dos homens na iniciação criminosa feminina” (Almeida, 2001; Barcinski, 2008; Barcinski et al., 2013). Nesse sentido, o comportamento das mulheres seria resultado da associação afetiva ou sexual com parceiros criminosos. Posicionadas exclusivamente como vítimas dos homens ao seu redor, essas mulheres tornam-se cúmplices dos crimes cometidos por seus parceiros e eventualmente pagam, por meio do encarceramento, por um comportamento socialmente não reconhecido como feminino [...]. (BARCINSKI, 2016, p. 60).

Por isso, trazemos a temática de relacionamento abusivo e relações de poder entre homens e mulheres, abordados no livro “50 tons de cinza”, além de se entender o sistema carcerário brasileiro como um reflexo da sociedade, isto é, um local de exclusão social e espaço de perpetuação das vulnerabilidades e seletividades em práticas extramuros (BRASIL, 2015). Acrescenta-se a isso a manutenção do patriarcado e machismo, posto que, segundo Carvalho e Carvalho (2017), os presídios são construídos para atender às necessidades dos homens, uma vez que as oportunidades de trabalho e remissão de pena, em presídios mistos, são maiores para os homens, além das necessidades específicas das mulheres serem de difícil acesso. Fato é que “especificamente nas unidades femininas, encontramos maiores violações no tangente ao exercício de direitos de forma geral, e em especial dos direitos sexuais e reprodutivos, bem como de acesso à saúde especializada, em especial a ginecologistas.” (BRASIL, 2015, p. 17).

Em relação às bibliotecas em presídios, é imprescindível citar a Lei de Execuções Penais (LEP- Lei Federal nº 7.210 de 11 de julho de 1984), art. 21, Capítulo V, a qual garante que “Cada estabelecimento penal deve ser dotado de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos”. A biblioteca torna-se, portanto, garantia nesses locais, mas é notório que o cumprimento da lei não funciona na prática, porque muitas unidades estão sucateadas, sem o mínimo respeito aos direitos humanos. Cátia Lindemann é uma das defensoras do direito à biblioteca no cárcere, e tem uma fala que impulsiona o discurso sobre o tema: “biblioteca prisional não é assistencialismo, e sim direito legal de todo e qualquer apenado.” (LINDEMANN, 2017, não paginado). A importância dessas unidades nos ambientes prisionais auxilia na discussão de temas presentes na leitura, o incentivo à prática de ler e outras atividades que auxiliam à reflexão de ações de uma realidade cotidiano tão marcada pela violência.

As bibliotecas ainda trabalham como uma extensão do ensino educacional nos presídios e, nesse sentido, ganham grande relevância na formação das internas e no processo de ressocialização. Para Carvalho e Carvalho “[...] é por meio da educação (formal e informal) que o indivíduo encontra efetivamente, possibilidades de mudanças em seu modo de pensar e agir, resultado da aquisição de novos conhecimentos” (2017, p. 148). Assim, a biblioteca prisional é importante no que diz respeito às pesquisas escolares e leituras suplementares de assuntos trabalhados em sala de aula. Para Carvalho e Carvalho (1972),

bibliotecária que atuava nas pesquisas sobre bibliotecas em presídios, já destacava que a presença dessas unidades informacionais em ambientes prisionais auxiliava os internos na busca interior por si mesmo e nas suas perspectivas perante a mudança de vida e reflexões oferecidas pelo livro e pela leitura.

Além disso, a leitura pode direcionar o tipo de informação que o interno poderá receber, pois, sabendo que o indivíduo está em ambiente controlado de informação, muitas das vezes, o único acesso ao conhecimento é por meio do livro ou de outro item informacional proveniente da biblioteca. Cabe mencionar que, apesar de ser responsável por criar um ambiente de atividades e multiplicação das ações da biblioteca, a função do bibliotecário no quadro de funcionários do sistema prisional não é prevista por lei, o que dificulta o acesso a ações de incentivo à cultura por intermédio das bibliotecas e, até mesmo, da instalação destas nas unidades prisionais.

Em Sergipe, por exemplo, dos oito presídios existentes, apenas o PREFEM-SE possui unidade de biblioteca e, mesmo assim, não há atividades específicas de vivência e incentivo à leitura para homens e mulheres em situação de cárcere. Segundo relatório da Comissão dos direitos humanos da OAB-SE (2018), a falta de espaços para bibliotecas não é a única dentre as diversas falhas encontradas no sistema estadual, pois, infelizmente, as cadeias sofrem com superlotações, tendo seus espaços, originalmente destinados às ações de educação e lazer, utilizados como celas ou salas de apoio, sem contar que esses locais ainda sofrem com a precariedade de infraestrutura e também afligem a própria saúde das pessoas em situação de cárcere.

Esses dados são alarmantes, mas, também, sintomáticos. Utilizando o PREFEM-SE⁴ para exemplificar, releva-se que cerca de 56% das mulheres são presas por envolvimento no tráfico de drogas e, segundo a direção do presídio, muitas delas reincidem pelo mesmo crime. A emergência de tornar a biblioteca prisional um lugar de exercício da leitura crítica, impulsionando a reflexão, é latente para gerar algum tipo de impacto concreto na vida dessas pessoas. Quer dizer que a leitura crítica faz alcançável, para a pessoa em detenção, a liberdade

4 A capacidade de lotação do presídio é de 175 mulheres. Entretanto, o número de mulheres internas, geralmente, oscila de 220 a 230, segundo a diretoria do PREFEM-SE.

como resultado da autonomia do pensar lúcido. Foi nessa perspectiva que o Clube do Livro no PREFEM-SE foi desenvolvido e está sendo descrito neste artigo.

Figura 1: Biblioteca do PREFEM-SE⁵



Fonte: Acervo de pesquisa. Fotografia de Raquel Gonçalves da Silva de Araújo Fernandes.

3 METODOLOGIA

O grande desafio desse projeto, iniciado por imersão dos pesquisadores, é que, no lugar de solucionar problemas, optou-se por participar de um enunciado que já existia, objetivando, justamente, entrar nesse diálogo. Isto é, grande parte das internas do PREFEM já consumiam o livro “50 tons de cinza” e, também, já estabeleciam relações de sentido entre o conteúdo da obra com anseios da vida particular delas, configurando assim, uma realidade anunciada anteriormente da interação dessas mulheres com os pesquisadores e gestores da ação. Nesse sentido, a imersão requereu dos pesquisadores o cuidado de saber ouvir, a responsabilidade de interpretar as falas sem fazer juízo de valor e habilidade em propor um

⁵ A Biblioteca do PREFEM é um espaço que contém um significativo acervo de aproximadamente 2.000 livros. A ação do Clube do Livro (março de 2018 – outubro de 2019) foi desenvolvida concomitantemente à organização e catalogação das obras.

debate que possibilitasse eleger e trabalhar os elementos necessários para o exercício da reflexão e crítica sobre o conteúdo do livro com a realidade da vida de cada uma das mulheres envolvidas.

Figura 2: Clube do Livro



Fonte: Acervo de pesquisa. Fotografia de Raquel Gonçalves da Silva de Araújo Fernandes.

Na ação do Clube do Livro foi mostrada uma perspectiva crítica sobre a obra, contudo teve-se cuidado em não destruir a magia depositada pelas internas sobre o exemplar que não parava na estante e já apresentava prejuízos na sua integridade física por causa do uso frequente. Após compreensão da realidade, qual seria o caminho ideal para prosseguir? Quais caminhos são possíveis para abordar assuntos tão movediços, como o relacionamento abusivo e violência doméstica, de modo afetuoso, mas, também, de maneira que a reflexão crítica e libertadora seja possível?

O caminho encontrado pelos pesquisadores e a equipe de mulheres internas que compõem a Biblioteca do PREFEM foi o de criar uma roda de conversa, estabelecendo diretrizes de segurança para o assunto a ser tratado. As regras foram: i) tudo pode ser falado e discutido; ii) nada é bobagem; iii) experiências pessoais são sempre bem-vindas; iv) não existe erro ou culpa e v) tudo deve funcionar como aprendizado. Para o desenvolvimento da ação e considerando que o universo de mulheres internas do Presídio Feminino de Sergipe é

de 230 mulheres, a amostra utilizada correspondeu a 24 internas da penitenciária divididas em 2 grupos que participaram do Clube do Livro em dias distintos. Foram selecionadas mulheres que já tinham lido o livro “50 tons de cinza”, e a participação delas teve que ser alinhada à liberação da direção do presídio. A ação aconteceu dentro da própria biblioteca da unidade prisional e o método de coleta de dados foi a observação participativa por meio de imersão. Cada ação teve duração de 2 horas e os resultados obtidos, por intermédio de rodas de conversas, foram registrados em fotografias e relatório escrito.

Vale ressaltar a importância da inclusão de vários agentes no processo de construção dessa metodologia de trabalho e, sendo assim, é imprescindível relacionar a presença dos gestores do presídio, bem como os guardas e a equipe pedagógica, tentando sempre estabelecer o diálogo para melhor fluidez do trabalho. Foi preciso, primeiramente, conhecer o universo da biblioteca, seus itens informacionais, seus processos e produtos, como livros de empréstimos e perfis de leitura das internas. Também foi necessário manter contato com as internas responsáveis pela biblioteca, sempre dando voz e atenção à condução das atividades, respeitando cada lugar de fala, em que cada experiência pessoal é relativa ao envolvimento daquele indivíduo e não necessariamente reflete o pensamento particular do pesquisador sobre determinado assunto (RIBEIRO, 2017).

4 RESULTADOS

Começamos a roda de conversa explorando as impressões pessoais que as internas leitoras tiveram do livro, explorando a interpretação delas sobre os personagens e a relação de romance proposta na obra. Após a fala das internas, abordou-se a noção de relacionamento abusivo, sempre direcionando para a obra discutida no momento.

As internas relataram o desejo atribuído ao personagem Christian Grey, declarando que não estavam acostumadas a se relacionarem com pessoas como ele em seu dia-a-dia, em seus relacionamentos. Era notório, para essas mulheres, que se tratava de um homem rico (burguês), bem apresentado (refinado), sexualmente atrativo (fetiche) e, além disso, também o modo como ele trata a namorada, a personagem Anastasia Steele, parecia fazer parte de uma fantasia e não de uma realidade já reconhecida. Ao mesmo tempo em que elas relatavam

sobre os pontos positivos da obra, foi discutido quais poderiam ser considerados os pontos negativos e as contradições constatadas nas passagens que expõem a relação do homem (sedutor) com sua namorada (seduzida). A ideia foi de identificar, juntamente com as internas, traços de relacionamento abusivo e tóxico. Foram elencados, então, alguns comportamentos do Christian Grey que demonstram abuso e o quão sofrido estava sendo para Anastasia Steele passar por isso, tais como: extenso ciúme; o modo excessivo de proteção a ponto de ele se sentir no direito de ser invasivo; e algumas exigências que ele demandava sobre a vida dela.

A priori não foi possível o reconhecimento de nenhum desses comportamentos como sendo tóxico pelas internas, já que elas vivem, de modo naturalizado, relacionamentos os quais seus parceiros também exercem o abuso como forma de poder e força. Sendo assim, ao decorrer da trama, longe de ser uma relação sexualizada com suas especificidades, tal como o sadomasoquismo⁶, o rapaz, bem-apeado, propõe uma relação desigual e provoca sofrimento à sua namorada. Em um determinado momento da discussão, utilizamos uma passagem do livro em que Grey compra todos os quadros que contêm a foto de Anastasia da exposição de Jose, amigo dela. Ela o confronta perguntando o porquê da atitude de compra. Então, ele diz que não quer ninguém olhando para ela. Nesse momento, as internas, quase que em coro, derretem-se pela atitude de Grey, porém, ao ser problematizada a questão, da possessão e dos ciúmes presentes na fala do personagem, fica nítido para as internas as nuances de poder que ele tenta estabelecer sobre ela. Em várias ocasiões são denotadas a insistência que ele tem sobre a forma com a qual ela se alimenta, transparecendo um cuidado, mas, aos poucos, as internas entendem a atitude como meio de controle, tal qual se domina um animal. As discussões continuaram na tentativa de estabelecer aproximação da história a situações da realidade delas.

⁶ Em oposição ao que se pode definir como sadomasoquismo - uma combinação de prazer e dor em uma relação sexual, sendo que o dominador sente prazer em dominar, e o submisso sente prazer em ser submisso, consensualmente - a relação que o Christian Grey propõe para a Anastasia requer o cumprimento de uma lista de regras que ela deve fazer na posição de submissa, independentemente se a personagem sentirá prazer ou não. Além de que frases como: "Não quero ninguém olhando para o que é meu", assim como ordens que asseguram para ele a sujeição dela, configuram um relacionamento abusivo – ou seja: o uso incorreto e excessivo de poder dele sobre ela.

Nessa perspectiva, uma melhor assimilação dos pontos considerados negativos foi alcançada a partir da aproximação da atitude do protagonista com a realidade vivenciada pelas internas com seus parceiros. Isto é, atos de violência doméstica, espancamento, ciúmes excessivos e a proteção descabida passaram a ser compreendidos como prática abusiva e tóxica no lugar de comportamento natural.

Em posse desses elementos abordados com as internas, a reflexão conjunta sobre o entendimento do relacionamento abusivo e seu espelhamento no livro findaram em relatos de experiências vividas por elas. Mas, novamente, o papel do profissional mediador da conversa em trazer o entendimento para a questão de que, mesmo Grey sendo abusado quando criança, em nada justificavam-se suas ações para ele ter esse tipo de comportamento com outras pessoas quando adulto. Outra ação realizada foi colocar a importância de pedir ajuda terapêutica ou, até mesmo, o diálogo de familiares e amigos nesses casos. A partir de então, as internas conseguiram, refletindo sobre as próprias experiências, desmistificar a noção positiva sobre o personagem principal que, inicialmente, havia sido criada. Foram vários os relatos de agressões travestidas de carinho e amor reveladas pelas mulheres do PREFEM-SE. As descrições sobre ciúmes excessivos, que começam com um simples apontamento sobre a vestimenta até aos tapas em público por estarem conversando com alguém; os controles em relação aos amigos e até familiares, fazendo com que a mulher tornasse de uso exclusivo do homem em questão, isolando-se de tudo e todos.

Muitas delas também relataram a maneira como foram presas e, algumas, por exemplo, estavam levando ou guardando drogas para o companheiro, ações que ilustram a sujeição ao papel de abuso que elas sofrem. Essa questão da submissão, muito bem colada no livro, parecia que satisfazia o personagem Christian Grey e, o que, em primeiro momento, as internas interpretaram como uma situação positiva de prazer, foi desmistificada a partir do espelhamento com a vida delas. Elas passaram a compreender a submissão, tanto almejada de Grey, como uma situação de controle e sofrimento. Nesse sentido, verificamos a importância de cada relato, e fazer o paralelo da realidade vivenciada pelas mulheres com a proposta do livro foi relevante para possibilitar a construção de um novo olhar sobre os relacionamentos amorosos que elas têm no mundo fora do presídio, abusos que chegam à violência e que não podem ser tolerados em uma relação sobre nenhuma circunstância.

Uma outra perspectiva alcançada, por intermédio das discussões com as internas, foi a questão da sexualidade na obra. Isso, porque o ambiente prisional é cercado pelo isolamento físico e psicológico, sendo que a maior parte dessas mulheres utiliza a literatura, não somente do livro “50 tons de cinza”, mas vários outros itens que se assemelham a esse título como forma de prazer. Algumas internas concebem o consumo popular dessa obra na penitenciária devido apenas à satisfação pessoal, já que o item possui vários momentos em que são descritos cenas de sexo explícito, o que ajudaria o imaginário a recriar as cenas de prazer vivenciadas antes do cativeiro por aquelas internas ou, até mesmo, em seus relacionamentos com mulheres dentro do próprio presídio. Vale destacar que o PREFEM possui homens *trans*, sendo que o sexo e a sexualidade são permitidos em níveis moderados em suas celas.

No Clube do Livro, o pesquisador teve que exercer a empatia para melhor conseguir tratar as falas e reverter, de maneira coletiva, uma ideia de realidade considerada positiva pelas internas em relação à trama da obra. Além de que o ato de compartilhar histórias ajudou a formar conexões e fortalecer a confiança sobre a noção de si de cada uma delas. Em cada fala, era possível acompanhar toda a narrativa de dor e sofrimento, os relatos eram livres e permitiam o diálogo sobre questões sensíveis, como as relações das internas com o tráfico de drogas e como se sentiam subjugadas quando o executavam. Muitas delas enfatizam o poder de influência masculina nas suas ações que as levaram a cometer o crime que foi responsável pela passagem delas ao cárcere.

Portanto, mais que abordar o assunto em si, foi proposital, por exemplo, treinar um novo olhar das internas a respeito do que é de fato cuidado em um relacionamento, e o que não pode, jamais, ser confundido com controle, como foi apresentado no livro. Houve, ao final do processo, a desmistificação da romantização de um relacionamento abusivo, mas com um olhar de leveza em relação ao trabalho com o livro, definindo a importância de que qualquer leitura é válida, e, em posse dela, que teremos subsídios para discussão e internalização de temas da sociedade de um modo geral.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de dinâmicas, com foco na prática reflexiva em determinado assunto, pode ocorrer em diversas formas. Neste artigo, optou-se pelo processo de imersão dos pesquisadores, anteriormente à realização do Clube do livro, para possibilitar o alcance dos pressupostos que compõem a realidade simbólica das mulheres que participaram da ação. Sem dúvidas, estabelecer diálogo com essas internas foi imprescindível para ter noção da visão de mundo delas, inclusive, ter ciência de quais eram as obras do acervo da biblioteca consumidas por eles e por que elas liam determinados temas. Sendo assim, somente após o contato com as internas, foi possível selecionar as obras e os assuntos para realizar o Clube do Livro. Os conteúdos abordados foram, portanto, selecionados de acordo com os interesses das próprias internas. Releva-se que o propósito da ação de gerar elementos necessários para a reflexão e redirecionamento do olhar das internas foi fundamental para dar voz a essas mulheres, para que elas tenham compreensão sobre o lugar de fala, e que, assim como no Clube do Livro, esse discurso pode ser autônomo, principalmente, nos lugares onde há hierarquias produzidas para invisibilizar grupos subalternizados.

Considerando o universo de mulheres em cárcere no PREFEM, o quantitativo de internas que participaram do Clube do Livro ainda é inferior ao ideal. Entretanto, são ações como essa que, a médio e longo prazo, podem, de fato, mudar a realidade que elas venham a construir em liberdade. O ambiente do presídio feminino é normalmente inóspito para o bibliotecário, já que a prática de leitura não é habitual e nem faz parte das atividades compreendidas como prazerosas pela maioria. Entretanto, se for ampliada a noção da atuação de um profissional da biblioteconomia, compreendendo a transcendência, por exemplo, do serviço de catalogação de obras – serviço que, inclusive, também foi de extrema importância para a biblioteca do PREFEM –, e considerando que a existência humana está em constante tomada de posição segundo o juízo de valor, pode-se almejar a geração de impacto social por intermédio de ações desenvolvidas em uma biblioteca prisional.

Em linhas gerais, a discussão sobre o exemplar “50 tons de cinza” trouxe lucidez a várias internas no que diz respeito às formas de relacionamento abusivo existentes e sobre as diversas maneiras as quais o homem pode usar da figura feminina como instrumento de

poder e violência na forma de “carinho, ciúmes e amor”. A compreensão de alguns desses elementos por parte das internas pode instrumentalizar o futuro de relações delas, para que estas consigam identificar as partículas presentes nesses abusos. Mas, acima de tudo, o que denota a importância deste trabalho é o de desenvolver uma leitura que seja possível criticar, construir conceitos a partir do que foi lido e promover uma discussão profícua a qual cada um possua sua opinião e que seja ouvida e compreendida. Assim é o entendimento de uma biblioteca em prisão com o profissional bibliotecário: promover e elucidar conceitos aos desprovidos de liberdade.

REFERÊNCIAS

- BARCINSKI, Mariana; CÚNICO, Sabrina Daiana. **Mulheres no tráfico de drogas**: retratos da vitimização e do protagonismo feminino. Revista de Ciências Sociais Civitas. V. 16, n 01, 2016, p. 59-70. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2016.1.22590>. Acesso em: 21 out. 2019.
- BORGES, Juliana. **O que é encarceramento em massa?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- BRASIL. Lei Federal nº 7.210, de 11 de julho de 1984: **Lei de Execução Penal**. Brasília, 11 de julho de 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm. Acesso em: 2 abr. 2019.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Secretaria de Assuntos Legislativos; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dar à luz nas sombras**: condições atuais e possibilidades futuras para o exercício da maternidade por mulheres em situação de prisão. Brasília, 2015. (Pensando do Direito, n. 51). Disponível em: http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/PoD_51_Ana-Gabriela_web-1.pdf. Acesso em: 04 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional – DEPEN. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – INFOPEN Mulheres**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://depen.gov.br/DEPEN/depen/sisdepen/infopen-mulheres>. Acesso em: 20 maio 2019.
- CARVALHO, Carmem Pinheiro de. Bibliotecas correcionais. **Revista do conselho Penitenciário federal**, n. 28. out. 1971/mar 1972.
- CARVALHO, Carmem Pinheiro de. Bibliotecas em prisões. In: **V Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo: Federação Brasileira Associações Bibliotecários, 1967.
- CARVALHO, Cristina; CARVALHO, Marcelo Dias. Projetos de mediação de leitura e bibliotecas em presídios femininos. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, n. 1, v. 4, p. 136-

163, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/71092>. Acesso em: 28 out. 2019

COMISSÃO. Dos direitos humanos OAB Sergipe. **Sistema prisional do estado de Sergipe**. OAB Sergipe, Aracaju. 2018.

FERNANDES, Raquel Gonçalves da Silva de Araújo. **O estímulo à leitura em bibliotecas prisionais por meio do desenvolvimento de dinâmicas culturais**. 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão da Informação e do Conhecimento) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

JAMES, J. L. **50 tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

LINDEMANN, Catia. Biblioteca prisional não é assistencialismo, mas direito legal de todo e qualquer apenado. **Revista biblio cultura informacional**. Entrevista concedida a Biblio cultura informacional. 2017. Disponível em: <http://biblio.info/biblioteca-prisional-nao-e-assistencialismo>. Acesso em: 28 maio 2019.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

VIOLÊNCIA, Monitor da. **G1**. Disponível em: <http://especiais.g1.globo.com/monitor-da-violencia/2018/feminicidios-no-brasil/>. Acesso em 05 nov. 2019.

AGRADECIMENTOS

AGÊNCIAS FINANCIADORAS

FAPITEC e ao governo de Sergipe pelo financiamento desta pesquisa.

PREFEM

Andre Santana – Diretora do PREFEM-SE

Edjane – Vice-Diretora do PREFEM - SE

Gilterlan Celestino Trindade – Coordenador Pedagógico do PREFEM-SE

Chrisdeicy Denoral da Costa Menezes – Interna auxiliar de biblioteca do PREFEM-SE